



LIBERDA...

ANO 13
Nº 119
JUL-AGO/2003

INFORMATIVO DA FEDERAÇÃO ANARQUISTA DO RIO DE JANEIRO - FARJ
farj@riseup.net Cx. Postal 14.576 - CEP 22412-970 - Rio/RJ - Brasil
Reuniões do CELIP todas as terças, 19h, no IFCS/UFRJ, Lgo. de São Francisco, 1(pátio) - Centro - Rio/RJ
Biblioteca Social Fábio Luz, sábados de 9h às 16h, Rua Torres Homem, 790 - Vila Isabel - 9397-1941

MANIFESTO DE FUNDAÇÃO DA FEDERAÇÃO ANARQUISTA DO RIO DE JANEIRO - FARJ

Irmãos e irmãs de ideal,
Companheiros e companheiras que compartilham conosco a luta por justiça, igualdade e liberdade:

Hoje nos reunimos para, reafirmando a esperança na dignidade que nos torna humanos, levantarmos a nossa já antiga, e sempre renovada, bandeira do Anarquismo Organizado. Levantamos esta bandeira porque assim manda a nossa consciência, na certeza de que todos que olharem para ela com a coragem de realizar a utopia, terão o mesmo valor, dentro desta igualdade proporcionada pela compreensão profunda do anarquismo, e por sua imprescindível vivência coletiva.

Afirmamos o Anarquismo, confrontando a hipocrisia e o egoísmo desta sociedade corrupta e decadente, com a certeza de que a vida é o mais importante, e que as coisas não precisam ser como são. Nesta convicção, colocamos toda a nossa vontade de transformação, e dela vem nossa força que quer ver este mundo velho balançar, e desaparecer. Porque a noite escura passará, e nós trabalharemos para ver o amanhecer.

Entendemos que o Anarquismo, na radicalidade de sua proposta libertária, deve apresentar-se enquanto opção de organização e luta não-autoritária. Porque, assim como os fins estão nos meios, a sociedade do futuro nascerá de nossa capacidade de realizar, a partir de agora, cotidianamente, as generosas aspirações que o Anarquismo, ao longo de várias gerações de luta e esforço militante, legou a humanidade.

As raízes da *Federação Anarquista do Rio de Janeiro* lançam-se profundamente no solo das lutas do nosso povo, neste canto da América Latina. Muitas vezes, em esforços aparente-mente infrutíferos e regando a terra seca com suor e sangue que pareceram perdidos, para colhermos hoje o que trabalharemos para transformar em pão. Outras vezes, pequenas e grandes vitórias que lembraremos sempre e com



alegria, dando-nos força para prosseguir a luta atual.

A nossa história remonta às grandes lutas das primeiras décadas do século passado: a organização dos primeiros sindicatos e federações; as lutas pelas 8 horas e contra a carestia; a greve de 1917; a Insurreição Anarquista de 1918 e os congressos operários.

Lembramos ainda, que há exatas 8 décadas, em

agosto de 1923, o operariado organizado do Rio de Janeiro re-fundava sua Federação local. O país estava em estado de sítio, a perseguição policial acirrada, as deportações frequentes e, para completar o cenário desfavorável, os bolchevistas locais unidos aos pelegos cooperativistas agindo contra os principais militantes e sindicatos libertários. Mas nada disso impediu o crescimento da FORJ nos meses seguintes. A dedicação, o afinho e o compromisso com a luta destes companheiros e companheiras superou os obstáculos e calou aqueles que diziam que o Anarquismo estava superado como forma de luta. Apenas a repressão feroz que se seguiu a revolta militar de 5 de julho de 1924, quando todos os sindicatos foram fechados e os principais militantes presos ou deportados, interrompeu esse afã organizativo. Hoje, quando aqui fundamos a FARJ, homenageamos esses companheiros e companheiras, buscando em seus passos inspiração e forças para construir a nossa organização.

Relembramos também a luta dos anarquistas contra o fascismo dos "galinhas verdes" nos anos 30. Perdidos os sindicatos após o Estado Novo, a resistência mantida nas páginas do jornal *Ação Direta* e no *Centro de Estudos Prof. José Oiticica* (CEPJO), fundado em março de 1958. Mesmo após o golpe militar de 64, o CEPJO permaneceu aberto até ser assaltado pela Aeronáutica em outubro de 1969. Muitos de seus membros foram presos e alguns jovens companheiros e companheiras do *Movimento Estudantil Libertário* (MEL) sofreram torturas nos porões da ditadura.

NAS BOCAS

**"Eu sou a mosca que pousou na sua sopa.
Eu sou a mosca que pintou pra lhe abusar"**

Raul Seixas

Nos anos 70, auge da ditadura, contra todas as expectativas, negando o cinismo que afirma a inexistência do anarquismo no Brasil de então, o “nosso velho” Ideal Peres, junto com sua companheira Esther Redes, criaram um grupo de estudos do anarquismo em sua própria casa, recebendo jovens e velhos militantes. Em 1985, surgiu o *Círculo de Estudos Libertários* (CEL), berço de vários grupos, como o *Grupo Anarquista José Otíctica* (GAJO) e o *Grupo Anarquista Ação Direta* (GAAD), cujas experiências e militância geraram o acúmulo necessário para várias realizações, tanto publicações como a revista *Utopia*, o informativo *Libera...Amore Mio* e o jornal *O Mutirão*, quanto as primeiras experiências de inserção social, nos movimentos de ocupação e sindical, e em manifestações e enfrentamentos de rua.

Na virada de 92 para 93, os anarquistas estavam na linha de frente, na organização e no apoio à ocupação do Edifício Sede da Petrobrás por companheiros e companheiras petroleiros demitidos, luta esta que continua até hoje.

Em 1995, iniciam-se as primeiras experiências de organização da luta dos trabalhadores rurais e urbanos pelo direito à terra e ao trabalho digno. A partir deste ano, várias ocupações aconteceram, na cidade e no campo. Algumas permanecem até hoje, como verdadeiros bairros, com mais de 5.000 moradores, que ainda lembram suas origens, ou como assentamentos rurais que são exemplo e referência pelo trabalho dos próprios assentados, no movimento de luta pela terra no Rio de Janeiro. Desta experiência de inserção, chegamos a ter companheiros anarquistas na direção nacional de entidades como o *Movimento Nacional de Luta por Moradia* (MNLN), e a *Central de Movimentos Populares* (CMP), e o mais importante, com apoio e delegação das comunidades de base.

Logo no início destas experiências, surgiu a necessidade de uma organização específica de anarquistas, trazendo e atualizando a ideologia para as novas realidades da luta. O

Grupo Mutirão participa da criação da “Construção Anarquista Brasileira”, que visava coordenar os trabalhos de inserção desenvolvidos por grupos anarquistas em diversas partes do país.

Fomos pioneiros, também, nos contatos com a *Federação Anarquista Uruguiaia* (FAU), na introdução da proposta de organização específica/anarquista no Brasil, que culminou na fundação da *Organização Socialista Libertária* (OSL), experiência que, entre acertos e erros, tornou-se um marco na história do anarquismo organizado no país, demonstrando que é possível a coordenação de esforços para alcançarmos uma Confederação Anarquista Brasileira. Para isso, afirmamos desde já as nossas melhores disposições de entendimento fraterno com todas as demais organizações anarquistas, as que já existem e as que surgirão, a partir dos nossos exemplos. Afirmamos a nossa determinação de trabalhar arduamente para alcançarmos este objetivo, tratando a todos com a mesma consideração que queremos ser tratados.

A Federação Anarquista do Rio de Janeiro é fruto de toda essa luta, e seu futuro, já presente.

Nossa bandeira traz o vermelho e o negro, símbolos do Anarquismo, e ao centro o *tiê-sangue*, pássaro nativo das matas do Rio de Janeiro, símbolo de liberdade e de resistência.

Assim, levantamos a nossa bandeira. Fazemos nossas as palavras de um *viejo compañero* das lutas latino-americanas, com a necessária adaptação:

“Aqui se apresenta a FARJ, sem pedir outra coisa que um posto de luta, para que não morram sonhos formosos e profundamente justos.”

Ética! Compromisso! Liberdade!
Viva a FARJ!
Viva a Anarquia!

Rio de Janeiro, 30 de agosto de 2003

Carta de Princípios

FEDERAÇÃO ANARQUISTA DO RIO DE JANEIRO – FARJ

“Nós desejamos a liberdade e o bem-estar de todos os homens, de todos sem exceção. Queremos que cada ser humano possa se desenvolver e viver do modo mais feliz possível. E acreditamos que esta liberdade e este bem-estar não poderão ser dados por um homem ou por um partido, mas todos deverão descobrir neles mesmos suas condições, e conquistá-las.”

Consideramos que somente a mais completa aplicação do princípio da solidariedade pode destruir a guerra, a opressão e a exploração, e a solidariedade só pode nascer do livre acordo, da harmonização espontânea e desejada de todos os interessados.”

Errico Malatesta

O Anarquismo é uma ideologia política de transformação social, que se expressa através de um modo antiautoritário de reflexão, de interpretação e de intervenção sobre a realidade. Constitui uma teoria revolucionária que luta contra todas as formas de exploração e opressão. Tem a sua origem histórica nas lutas da classe trabalhadora ao longo de quase dois séculos. Comprometida com estes princípios, que a fazem continuadora da corrente organicista do Anarquismo, a *Federação Anarquista do Rio de Janeiro* (FARJ) propõe-se a trabalhar – desde já e sem intermediações – no sentido de interferir nas diversas realidades que compõem o universo dos movimentos sociais.

Para atingir os objetivos a que se destina – avançar de imediato em direção a um mundo onde todos sejam livres e iguais – a FARJ respeitará os firmes preceitos éticos que a sustentam, promovendo o desenvolvimento de uma cultura

política que se baseie no respeito à pluralidade de perspectivas e à afinidade de objetivos.

A FARJ é uma organização de minoria ativa, formada por militantes conscientes de sua responsabilidade histórica (“*um sujeito que tem uma Ética Libertária sabe por que está lutando e consegue explicar os motivos ideológicos da luta, tem compromissos e auto-disciplina para levar a cabo as tarefas assumidas*” – **Ideal Peres**). Propõe a transformação radical da sociedade tendo como ponto de partida o cotidiano popular. Buscará sempre apoiar o desenvolvimento e o fortalecimento das auto-organizações, na construção de atividades independentes e combativas, para que todos venhamos a alcançar uma sociedade realmente justa, livre e igualitária, dentro da concepção de que cada um de seus componentes é apenas um lutador provisório inserido na contínua procura do ser humano senão pela realização do sonho perfeito, pelo menos pela criação das melhores utopias possíveis. Para tal, a FARJ buscará sempre apoiar a formação e o desenvolvimento de outras organizações autogestionárias, participando combativamente no dia a dia de lutas dos movimentos populares em atividade, em um primeiro momento, no Brasil, na América Latina e, em especial, no Rio de Janeiro.

Para alcançar estes objetivos, a FARJ possui princípios e conteúdo bem definidos. O pressuposto da coerência com estes mesmos princípios é que determina a autenticidade ideológica perante o Anarquismo.

Em síntese, tais princípios são:

1. Liberdade

A Liberdade é o princípio basilar do Anarquismo. A luta pela Liberdade antecede a Anarquia. O desejo de ser livre – das contingências da natureza, a princípio e, em um segundo momento, dos próprios predadores humanos, que por meio de instrumentos de dominação sufocam a verdadeira dinâmica social igualitária e fraterna – constitui o eixo em torno do qual, em um processo permanente, giram as transformações históricas, sociais, políticas e econômicas. A Liberdade Individual, no entanto, só pode encontrar sua expressão maior na Liberdade Coletiva. Os Estados, o capitalismo e sua decorrência, a sociedade de classes, os falsos princípios educacionais, as práticas familiares autoritárias e as ideologias de massa alienantes, assim como as teorias de emancipação social equivocadas, que levam à formação de novas tiranias, constituem, atualmente, os maiores obstáculos ao pleno desenvolvimento libertário da humanidade.

2. Ética e Valores

A Ética Libertária é sinônimo de Anarquismo, e é a sua espinha dorsal. É um compromisso militante inegociável, e pressupõe a coerência entre a vida e a ideologia, ou seja, viver o Anarquismo. Entendemos que os fins estão nos meios, assim como a árvore está na semente, e que só chegaremos a fins libertários com responsabilidade política e através de meios libertários. A Ética é exercida no respeito mútuo, e tem por função definir a prioridade dos valores.

3. Federalismo

É um método de organização política, não hierarquizada, da sociedade. Pressupõe a descentralização do processo de decisão e possibilita a integração dos núcleos autogestionados, em todos os níveis.

Baseia-se no Apoio Mútuo e na Livre Associação, havendo iguais direitos e deveres para todos. Entendemos como fundamental que as unidades federadas exerçam seu direito de deliberar, através de delegações tiradas nas assembléias de base, orientando-se pelos princípios acordados, tendo o compromisso orgânico e militante de acatar as deliberações do conselho de delegados, respeitando, assim, as decisões do órgão federativo.

4. Internacionalismo

Exerce-se, na prática, através do Federalismo. Compreendemos que o Internacionalismo é enriquecido pelo respeito às diversidades das identidades culturais e é praticado pela solidariedade das lutas e através da Autogestão Social.

5. Autogestão

Método anticapitalista e antiestatista de gestão sócio-econômica aplicável em todos os níveis. Caracteriza-se como a gestão dos meios de produção e organização social em benefício da coletividade; é exercida desde as entidades de base, com igualdade de direitos e participação de todos os responsáveis.

A Autogestão, como um processo de construção do novo, ainda que convivendo com o ultrapassado sistema atual, potencializa as transformações que apontam para uma sociedade igualitária.

6. Ação Direta

Método de atuação baseado no protagonismo individual e coletivo. É pautada pela horizontalidade e pelo mínimo de intermediação que, quando necessária, não implique no surgimento de centros de decisão separados dos interessados.

A Ação Direta se expressa em múltiplas variantes e em todos os níveis e expressões, ligando os trabalhadores e oprimidos ao centro da ação política.

“Só a Ação Direta abala tronos, ameaça tiranias, convolve mundos, só ela, principalmente, educa e fortifica o povo espoliado, na sua luta milenar. Ação Direta é a revolução.”
(José Oiticica)

7. Classismo

Afirmamos a nossa identidade como trabalhadores.

Combatemos por uma sociedade sem classes, em que todos trabalhem e tenham direito a uma vida digna. Para se conquistar esse objetivo, enfrentamos consciente e cotidianamente uma luta de classes contra as elites exploradoras e o Estado. Acreditamos que o fim da sociedade de classes só será alcançado com a emancipação dos oprimidos no processo da Revolução Social.

8. Prática Política e Inserção Social

Entendemos que, como trabalhadores, devemos pautar nossa intervenção a partir de nossa própria realidade social. Tendo por base as lutas que enfrentamos em nosso cotidiano. Entretanto, tendo em vista que nós, anarquistas, consideramos que a atuação política passa por um comprometimento maior com as causas sociais, devemos buscar sempre relacionar nossa própria prática militante com as diversas manifestações das lutas populares.

Portanto, acreditamos que qualquer manifestação neste sentido nos campos social, cultural, do campesinato, sindical, estudantil, comunitário, ecológico, etc desde que inseridas no contexto das lutas pela Liberdade contemplam a nossa prática política de Inserção Social.

9. Apoio Mútuo

Propomo-nos a realizar a solidariedade ativa nas lutas, irmanando-nos com todos(as) os(as) companheiros(as) que trabalhem verdadeiramente por um mundo mais justo e igualitário. Assim, consideramos que o Apoio Mútuo é uma consequência lógica e direta do conjunto de princípios do Anarquismo, uma vez que só conseguiremos implementá-los através da solidariedade efetiva entre os explorados e oprimidos.

Nossa concepção é a de que o Anarquismo, como pensamento social, não permita separar teoria da prática, meios de fins e ação de transformação; não permita enquadramentos em esquemas rígidos que pretendam estabelecer, para as atitudes dos militantes, um modelo abstrato que determine seus princípios e estratégias. O Anarquismo, por ser antidogmático e estabelecer como sua questão fundamental a Liberdade, busca nas evidentes contradições do sistema capitalista o seu campo de ação. Portanto, é no interior da luta de classes que devem estar os anarquistas, enquanto houver uma sociedade de



oprimidos e opressores, de patrões e trabalhadores, de proprietários e despossuídos. Entretanto, por entenderem os anarquistas que a luta de classe é um meio e não um fim, devem estar em alerta para determinadas interpretações de sentido autoritário que concebem a história como mero resultado da luta entre as classes. Se realmente há um fator que transforma a história para os libertários, ele só pode ser resultado da luta engendrada continuamente pelos revolucionários contra a opressão e em busca de solidariedade. Não é, para os anarquistas, o homem, na nova sociedade, um simples resultado do materialismo histórico. Homens não são forçados pelas marteladas desferidas pelas dialéticas predeterminadas ou por algum esquema que lhes transcende a ação concreta.

Portanto, a Ação Direta não é apenas um meio, ou metodologia, de combate, mas sim a única forma de materializar em atitudes de vontades de transformação individuais e

coletivas. Dessa forma, os anarquistas, que nunca buscaram uma sistematização cientificista de seu pensamento social, afirmam que só de atitudes concretas pode resultar o processo radical de transformação.

Sem amos ou dogmas, os militantes libertários seguem defendendo a inserção social nas questões mais prementes de suas vidas. Tal relação coloca nas mãos do povo e demais grupos organizados a tarefa de modificar tudo a favor de todos. Pensamos que a Anarquia esteve presente nas sociedades sem classes de ontem, e continua, nas de hoje, não por representar o resultado de contradições econômicas, mas por expressar, na mais plena forma, o desejo de Liberdade comum a todos os indivíduos e coletividades através dos tempos. Para tanto, o Anarquismo serviu, nos séculos XIX e XX, como importante inspiração para a luta contra a burguesia, assim como deverá determinar os padrões éticos da futura Sociedade Anárquica.

MENSAGENS

"Caros Companheiros presentes ao ato de fundação da FARJ Haveria muito para lembrar e dizer em um momento como esse - final, ainda que, estando afastado a muitos anos da militância cotidiana no Rio de Janeiro, eu sinto nesse evento uma continuação e uma consagração dos esforços que nós todos desenvolvemos desde o final dos anos 80. Aliás, os companheiros atuantes hoje o fazem, ombro a ombro, com os meus companheiros de então! Aprendendo e ensinando como nós também tivemos a oportunidade.

Afinal, do mesmo modo que hoje, naquela época de rearticulação em que fundamos o GAJO, nós nos integramos a grupos em que militavam os remanescentes do movimento anterior à ditadura militar. Deles talvez tenhamos sido capazes de aprender apenas um pouco do muito que tinham para ensinar. No entanto, os seus exemplos continuam a nos inspirar e, creio, através de vocês, vão inspirar e ensinar aos que virão depois de todos nós...

É importante lembrar que àqueles companheiros, com quem aprendemos sobre José Otílica e outros, por sua vez, tiveram a chance de lutar junto com os que se forjaram na resistência antifascista e no pós-guerra... Daqueles, ainda, podemos traçar a ascendência até os primeiros batalhadores da causa anarquista nesse país até o início do período Vargas! Então, quando eu olho para o convite da FARJ não vejo apenas uma organização nova - vejo através dela um pouco da contribuição que todos os companheiros que vieram antes de nós, deixaram como ensinamento de vida e luta. É por isso que escrevo para dar os meus parabéns àqueles que, hoje, estão reunidos em torno desse projeto! Afinal, desde que deixei de atuar no Rio de Janeiro, pude apenas assistir e torcer, mas podemos dizer que, apesar das oscilações, dos altos e baixos, o movimento soube manter os vínculos e atividades de grupos e entre grupos! E, assim caminha, agora, para celebrar a criação "formal" de uma instância de organização que surgiu naturalmente da militância dos anarquistas cariocas e fluminenses.

Em primeiro lugar, surgiu a organização real, dinâmica, funcional e operante... Depois, tratou-se de escolher um nome, um símbolo, uma bandeira, providenciar uma sede, um conjunto de normas flexíveis e claras para aumentar a eficiência do trabalho cooperativo e federado que era pré-existente. Por fim, agora, uma outra etapa de articulação do movimento pode ser demarcada... Os níveis de ação e os resultados serão, por certo, maiores do que

antes e a FARJ será um instrumento a mais para contribuir na elaboração crítica do pensamento libertário sobre a nossa realidade regional, nacional e global. Sobretudo, será um instrumento para potencializar a ação concreta e direta dos anarquistas em direção a uma articulação libertária das forças populares. Estimulando e contribuindo para a construção de uma sociedade plenamente socialista: baseada na emancipação real dos seres humanos, no municipalismo, na federação, na ação direta, na autogestão! Enfim um porvir baseado na Anarquia! Saudações Libertárias!"

Henrique Zucchi (ex- membro do Grupo Anarquista José Otílica-GAJO)

"Desde luego, nos gustaría mucho estar con vosotros/as en el acto fundacional de la Federación Anarquista de Rio de Janeiro. Estamos seguros de que representará el comienzo de un serio proyecto organizativo de los/as anarquistas cariocas y, por supuesto, os deseamos lo mejor en ese camino ilusionante, no solo para los brasileños/as si no para todo el movimiento libertario mundial.

Desde el Grupo Anarquista "Albatros" de la Federación Anarquista Ibérica (FAI) queremos enviaros un saludo solidario y nuestra disposición a colaborar en todo lo que seamos capaces de aportar al buen funcionamiento de la nueva Federación. Conocemos a varios de los promotores de esta iniciativa, así que no dudamos de la seriedad y la capacidad militante de esta organización que esperamos sirva de base y acicate para una Federación Anarquista Brasileña que dé al movimiento libertario brasileño la fuerza e influencia que le corresponde por su dinamismo.

Compañeros y compañeras. Amigos y amigas. Desde la distancia (solo física) un fuerte abrazo y toda la energía ácrata para afrontar los nuevos retos.

Salud"

Por el Grupo Anarquista "Albatros", **Pascual Gonzalez**

Também nos enviaram mensagens:

Jesús (Ilhas Canárias); José Carlos Morel (CCS/SP); Pietro Ferrua (USA); João (NUELCA/BA); Carlos Cogoy (Pelotas/RS); COMLUT (Campinas/SP); Fabrício Martinez (CCS/SP); Clayton (RIMA-RS)



ENDEREÇOS LIBERTÁRIOS: FARJ 2. CP 15001. CEP 20155-970. RIO/RJ * LETRALIVRE. CP 50083. CEP 20062-970. RIO/RJ * COL. DOMIN-
GOS PASSOS. CP 100670. CEP 24001-970. NITERÓI/RJ * CCS/SP. CP 2066. CEP 01060-970. SÃO PAULO/SP * ANA. CP 78. CEP 11525-970.
CUBATÃO/SP * MLPL. CP 146. CEP 40001-970. SALVADOR/BA * APPL. CP 053. CEP 40001-970. SALVADOR/BA * NUELCA. CP 14.
CEP 48000-970. ALAGOINHAS/BA * FCL. CP 10.115. CEP 58109-970. CAMPINA GRANDE/PB * JULI. CP 308. CEP 95001-970. CAXIAS DO
SUL/RS * MAP/BA. CP 185. CEP 40001-970. SALVADOR/BA * FAG. CP5036. CEP 90041-970. PORTO ALEGRE/RS * FACA. CP 1206. CEP
66017-970. BELÉM/PA * CL. CP 1000. CEP 78005-970. CUIABÁ/MT * LUTA LIBERTÁRIA. CP 11.639. CEP 05059-970. SÃO PAULO/SP * CNA.
CP 294. CEP01059-970. SP/SP * COMLUT. CP 768. CEP 13001-970. CAMPINAS/SP * GRAP. CP768. CEP 69010-970. MANAUS/AM * CRAP. CP
584. CEP14801-970. ARARAQUARA/SP * OPÚSCULO LIBERTÁRIO. CP 15. CEP 11401-970. GUARUJÁ/SP * AFIM. CP 2744. CEP 59022-970.
NATAL/RN * CCL-FL. CP 88. CEP 44001-970. FEIRA DE SANTANA/BA * MOTIM. CP 77. CEP 29146-970. CARIACICA/ES * RLBS. CP99. CEP
11010-970. SANTOS/ES * GASA. CP 11. CEP 29390-970. IJUNA/ES * CCMA. CP 665. CEP 01059-970. SÃO PAULO/SP * BARRICA DA LIBERTÁRIA.
CP 5005. CEP 13036-970. CAMPINAS/SP